

5. Os materiais

Do conjunto total, fazem parte 1024 fragmentos de ânfora, dos quais, 467 fragmentos correspondem a bordos ou fundos. Foram utilizados, no estudo formal e dos fabricos, apenas os fragmentos com formas identificáveis e aqueles que, embora sobre eles persistissem dúvidas sobre que forma atribuir-lhe, estavam suficientemente intactos para se poder avançar com hipóteses sobre a sua tipologia.

Estes materiais foram recolhidos em 4 campanhas distintas, e provavelmente recolhido de 4 formas distintas. Quanto à metodologia de escavação utilizada pouco se sabe, no que diz respeito às campanhas da década de 80, sendo que os dados mais concretos sobre a recolha e escavação destes materiais correspondem à campanha de 2006. Sobre a campanha de 2008, cujos resultados não foram até esta data publicados, também não existem informações conhecidas e sobre a mais recente campanha (2009), indicaram-se atrás os dados que possuímos.

5.1. Os Fabricos:

Foram identificados três fabricos/grupos de pastas, identificados como 1, 2 e 3, sendo o número 1 o mais depurado e o número 3 o mais grosseiro. Entre os tipos 2 e 3 a distinção nem sempre foi completamente clara. Todos os fabricos são produções locais, não existindo nenhum fragmento de ânfora que não seja enquadrável nos 3 referidos fabricos.

Como já foi referido nas considerações metodológicas, optou-se por dividir o conjunto em 3 grupos, mais por uma questão de organização, do que propriamente devido a diferenças incontornáveis nas características das pastas, que entre o tipo 1, 2 e 3 não

apresentam mais diferenças do que apenas um ligeiro aumento na frequência e dimensão das inclusões, mantendo-se porém, a forma das mesmas. A relevância desta divisão estará sempre limitada pela relatividade da observação, que, feita através da lupa binocular e apenas numa área (fractura “fresca”) do fragmento, têm uma fidelidade relativa à realidade das características da pasta, que carecia, como já foi referido, de uma análise mais pormenorizada, pelo menos, à lupa binocular.

Tipo 1 → Pasta que varia entre o castanho (7.5 yr 5/4 Brown) e o vermelho (2.5 yr 5/8 Red) e o vermelho amarelado (7.5 yr 7/6 reddish yellow), pouco depurada, com inclusões de cor branca, opaca e translúcida, na maioria dos casos, as mais frequentes e maiores em tamanho e quase sempre angulosas; inclusões de cor vermelha alaranjada, ferruginosas de várias dimensões e formas, na sua maioria angulosas, e inclusões pretas, normalmente mais raras e de pequena a muito pequena dimensão. Alguns ocasionais vacúolos. Na maioria dos casos verifica-se a presença de um engobe ou aguada. Em alguns exemplares o engobe é inexistente.

Pertencem a este grupo 444 exemplares, sendo que 200 são fragmentos do tipo Almagro 51c, 193 Almagro 51 a/b, 10 fragmentos do tipo Almagro 50 e 4 fragmentos do tipo aff Beltrán 65a.



Fig.19. Pasta Tipo 1.

Tipo 2 → Pasta com a mesma gama de cores, mais grosseira que o tipo 1, com as mesmas inclusões, que são, no entanto, de maior dimensão e os vacúolos mais frequentes. Possuem também, na maioria dos casos um engobe ou aguada.

Pertencem a este grupo 34 fragmentos, sendo 10 deles fragmentos do tipo Almagro 51c, 22 fragmentos do tipo Almagro 51 a/b, 1 fragmento do tipo Almagro 50 e 1 fragmento do tipo aff Beltrán 65a.



Fig.20. Pasta tipo 2.

Tipo 3 → Pasta mais grosseira que as duas anteriores, muitas vezes extremamente grosseira. A gama de cores é muito semelhante aos dois tipos anteriores acrescentando-se alguns exemplares que têm cores que variam entre o cinzento-escuro (5 yr 4/1 Dark Grey), o castanho acinzentado (10 yr 5/2 Grayish Brown), o castanho (7.5 yr 5/2 Brown). Possuem igualmente, engobe ou aguada, na maioria dos casos.

Pertencem a este grupo 26 fragmentos, sendo 12 deles fragmentos do tipo Almagro 51c, 12 fragmentos do tipo Almagro 51 a/b e 2 fragmentos do tipo Almagro 50.



Fig.21. Pasta tipo 3.

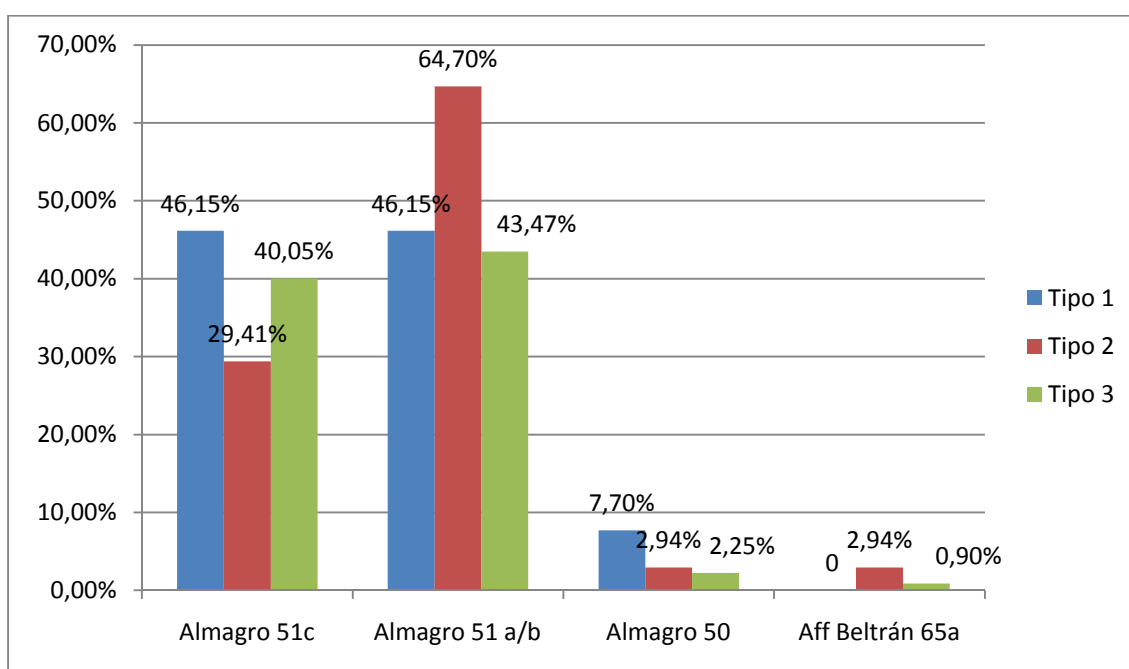


Fig.22. Gráfico representativo da relação Fabrico – Tipologia.

Fabrico Tipologia	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3
Almagro 51c	200	10	12
Almagro 51 a/b	193	22	12
Almagro 50	10	1	2
Aff. Beltrán 65a	4	1	0

Fig.23. tabela representativa da relação Fabrico – Tipologia.

Em conclusão, pode-se afirmar que os fabricos/grupos de pastas do Martinhal se podem, genericamente, descrever da seguinte forma: Trata-se de pastas mais ou menos grosseiras, ou mesmo grosseiras, com uma distribuição equilibrada de enp's pela pasta. Os vacúolos são normalmente, de forma arredondada irregular ou angulosa, ou compridos (provavelmente correspondendo a palha ou erva). As inclusões são de tamanhos e forma variados, na maioria das vezes, irregulares, angulosas e mais raramente sub-rolados. As inclusões brancas translúcidas ou opacas estão, na maioria dos exemplares, em maioria, seguidas, quase sempre, pelas inclusões vermelhas alaranjadas e por último, as de cor preta. As primeiras, quase sempre dimensões significativamente maiores que as restantes, existindo algumas excepções para as inclusões vermelhas, que, por vezes, têm dimensões semelhantes às brancas.

No que diz respeito à relação Forma → Fabrico, pode afirmar-se, através dos dados recolhidos, que as 4 tipologias identificadas correspondem, na maioria dos seus exemplares, ao tipo de fabrico 1, não se tratando portanto, de um conjunto de características muito grosseiras. No entanto, a forma Almagro 51 a/b é a que apresenta um maior número de exemplares do Fabrico 2, ligeiramente mais grosseiro que o Fabrico 1. No que diz respeito ao Fabrico 3, as ânforas das tipologias Almagro 51c e Almagro 21 a/b, apresentam o mesmo número de exemplares. As formas Almagro 50 e aff. Beltrán 65^a, devido ao baixo número de ocorrências, tornam-se mais difíceis de enquadrar com segurança nos 3 fabricos, podendo dizer-se porém, que tendem a apresentar, pelo menos nos poucos fragmentos recolhidos, uma pasta pouco grosseira, integrando-se, a maioria dos seus fragmentos, no Fabrico 1.

5.2. As Formas

Almagro 51 c (Keay XXIII) → Enquadram-se neste tipologia 223 fragmentos de bordos e fundos do conjunto total de fragmentos.

Corresponde a um ânfora de pequena dimensão, normalmente não superior a 75 cm (MORAIS, 1998:63), com um colo estreito de bordo ligeiramente extrovertido com lábios normalmente, de secção triangular, podendo, no entanto, ser engrossados ou em amêndoa. Ao bordo, normalmente assentes a metade deste, ou mesmo no topo, estão duas asas, por vezes com uma canelura incisa na superfície externa, largas e normalmente, pouco espessas. Têm maioritariamente, um corpo piriforme, sendo que os exemplares mais recentes têm, segundo Dias Diogo, um corpo menos largo que lhes confere uma aparência fusiforme (MORAIS, 1998:63; Diogo, 1987:183), esta

relação cronológica não está, no entanto, confirmada (FABIÃO e CARVALHO, 1990:51). Têm um fundo curto, oco ou maciço, com base plana ou botão e normalmente de forma cilíndrica ou trapezoidal invertida/Cónica.

Conteúdo:

Normalmente produzidas perto de complexos industriais de preparados piscícolas, a estas ânforas é atribuído um conteúdo piscícola, pela maioria dos investigadores, pelo menos na Lusitânia (MORAIS, 1998:63). Outro argumento que sustenta esta ideia é o facto de se considerar que estas ânforas teriam substituído as ânforas Dressel 14 (*idem*). As reduzidas dimensões desta ânfora sugerem também, que apenas um produto líquido, ou semi-líquido poderia ser introduzido ou vazado (FABIÃO e CARVALHO, 1990:51). Análises feitas por Anne Schmitt e Françoise Mayet confirmaram que estas ânforas transportavam sardinhas e cavalas (MAYET e SCHMITT, 1997; MORAIS, 1998:63). A esta análise vêm juntar-se os já bastante sólidos argumentos da Arqueologia Subaquática.

Cronologia:

O mais antigo exemplar desta ânfora foi recolhido na Necrópole de Tipasa (Argélia) e data do século II d.C., não se sabendo, no entanto, se se trata de uma produção lusitana (FABIÃO e CARVALHO, 1990:52). Dias Diogo (1987:183) indica também, o início da sua produção a partir do século II, não indicando porém, o seu *terminus*.

Estes contentores são considerados como produções típicas de um período compreendido entre os finais do século II, inícios do III e meados do século V (FABIÃO e CARVALHO, 1990:52; MORAIS, 1998:63). A forma encontra-se atestada nos centros produtores do Vale do Tejo e Sado desde o final do século II, inícios do III, até meados do século V (VIEGAS, 2009:245). As variações das formas, são provavelmente justificadas pelo longo período da sua produção, não se sabendo, até ao momento os moldes em que ocorreu a evolução e se esta está associada a sítios, cronologias, ou ambos.

Origens e difusão:

A origem deste tipo de ânforas ainda não está clara. Foram identificados vários centros de produção, na Lusitânia e na Bética. Destaca-se destas duas últimas regiões, a Lusitânia, pela abundância destes centros produtores, nos Vales do Tejo, Sado e no Algarve (FABIÃO, 1997; MORAIS, 1998).

A abundância de centros produtores na Lusitânia é acompanhada pela sólida difusão desta tipologia em todo o seu território. Além da Lusitânia, esta ânfora é encontrada no restante território peninsular e documentada, fora desta área, em 14 naufrágios no ocidente do Mediterrâneo, na Península Itálica e Alemanha, Argélia e Líbia (MORAIS, 1998:63).

As Almagro 51 c do Martinhal: As ânforas da tipologia Almagro 51 c recolhidas no Martinhal têm, assim como as restantes tipologias presentes neste sítio arqueológico, uma significativa variedade, que tornaria a exposição de cada variação neste trabalho, demasiado exaustiva.

No que diz respeito às suas dimensões, a grande fragmentação dos materiais e a ausência de exemplares completos, não permitiram que aqui se apresentasse mais do que os dados em relação aos bordos, cujos diâmetros variam entre 8 cm e os 10 cm. A espessura das paredes, é de notar, bastante estreita para um contentor das dimensões e função de uma ânfora, não tendo por vezes, mais de 1 cm de espessura.

No entanto as variações existentes diferem, de forma geral, no seguinte: No que diz respeito aos lábios encontra-se, como já foi mencionado por Carlos Tavares da Silva e outros (1990), uma enorme variedade, mantendo-se no entanto, o ar de família. Não é possível, portanto, padronizar a descrição deste elemento. Tentaremos porém, mencionar as variações mais comuns:

- Bordo extrovertido, com lábio de perfil triangular (Estampa 1, n.º 1, 2 e 4 e Estampa 2, n.º 5, 7, 8, 9, e 10).

- Bordo extrovertido de perfil mais arredondado que o anterior e demarcação menos nítida com o colo (Estampa 1, n.º 3).

No que diz respeito às asas, também não se verifica uma normalização:

- Asas que partem praticamente do topo do bordo (Estampa 2, n.º 5 e 7);
- Asas que arrancam a meio da superfície externa do bordo (Estampa 1, n.º 1 e 3, Estampa 2, n.º 6, 7, 9 e 10);
- Asas com duas caneluras (Estampa 2, n.º 8, 9 e 10);
- Asas com uma canelura (Estampa 1, n.º 2 e 4);
- Asas lisas ou praticamente lisas (Estampa 1, n.º 1 e 3, Estampa 2, n.º 5, 6 e 7).

Quando se fala de fundos o problema não se atenua, existindo também, uma enorme variedade de formas:

-Fundo cilíndrico, oco, com reforço no interior, com ligeira convexidade na superfície externa da base e demarcação relativamente clara com o corpo (Estampa 3, n.º 14 e Estampa 4, n.º17).

- Fundo cilíndrico, ou ligeiramente cónico, com base côncava e quase sem demarcação do corpo (Estampa 3, n.º 12 e Estampa 4, n.º 15 e 18 e 20).

- Fundo cónico sem demarcação nenhuma do corpo (Estampa 4, n.º 16).

- Fundo trapezoidal, muito curto com clara demarcação do corpo (Estampa 3, n.º 11).

No que diz respeito às dimensões, a ausência de um exemplar completo dificulta uma conclusão segura, no entanto, o facto de os fragmentos existentes serem pouco espessos, com cerca de 1 cm, em média, sugere que não se tratavam de recipientes de muito grandes dimensões, ao contrário do que parece ser tradicional para esta forma. Por outro lado, os diâmetros de bordo apresentados vêm sublinhar esta ideia, já que este varia entre os 8 cm e os 10 cm como o exemplar de maior diâmetro do conjunto.

Origem	Diâmetro do Bordo em mm (média)	Altura em mm (média)	Espessura das paredes (média)
Martinhal	90	-	0.7
Zambujalinho (Herdade do Zambujal). (FERNANDES e CARVALHO, 1991:84)	95	-	-
Carvalheiras (Braga). (MORAIS, 1998)	124	-	-
ABul – Setúbal (variante B). (MAYET e TAVARES SA SILVA, 2002:179)	-	645	-
Vale da Cepa (Setúbal). (DIOGO, 1991)	107	-	-

Olho da Telha (Palmela). (FERNANDES e CARVALHO, 1991b:84)	79	-	-
Enchurrasqueira (DIOGO e FARIA, 1990:176)	102	-	-
Povoado de Tróia (Setúbal). (DIOGO e PAIXÃO, 2001)	106	-	-
Quinta do Lago – Loulé (ARRUDA e FABIÃO, 1990:204)	95	-	-
ABul D (ETIENNE e MAYET, 2002 :140)	-	880	-
Pinheiro – Setúbal (ETIENNE e MAYET, 2002 :143)	-	750	-

Fig.24. Tabela com dimensões, em média, da forma Almagro 51c em vários centros produtores e sítios arqueológicos da Lusitânia.

Almagro 51 a/b (Keay XXIII) → Enquadram-se neste grupo 227 fragmentos de bordos e fundos. A Almagro 51 a/b oscila em tradicionalmente, em tamanho, entre os 70 e os 80 cm. Tem um colo curto, com asas de secção semi-circular ou circular que arrancam da base do lábio e assentam na parte superior do corpo (FABIÃO e CARVALHO 1990:54). O lábio é normalmente emoldurado, por vezes côncavo, e com o topo arredondado ou biselado. Possui um corpo cilíndrico ou fusiforme com maior diâmetro na metade superior. O Fundo, em bico, é normalmente, cónico, maciço e relativamente alongado.

Conteúdo:

A presença de espinhas e outros vestígios de peixes em exemplares recolhidos em contexto submarino sugere que estas ânforas transportariam preparados piscícolas

(FABIÃO e CARVALHO, 1990:54). Foram encontradas escamas de cavala numa ânfora deste tipo, no naufrágio Gisement des Catalans (KEAY, 1984:160). Assim como com a Almagro 51 c e Almagro 50, a proximidade dos centros produtores destas ânforas com complexos industriais de preparados piscícolas é outro argumento a favor do conteúdo piscícola destas ânforas.

Cronologia:

Estas ânforas são produzidas num período entre o século III e os princípios ou meados do século V (FABIÃO e CARVALHO, 1990:54; DIOGO, 1987:183) ou mesmo até ao século VI, como aliás é sugerido na base de dados do Amphora Project, pelo menos para as produções béticas. Os dados arqueológicos existentes indicam uma cronologia ligeiramente diferente para as produções lusitanas, entre o final do século IV a meados do século V (VIEGAS, 2009:244; ÉTIENNE e MAYET, 2002:149).

Origens e difusão:

A produção desta ânfora está atestada nos centros produtores da Lusitânia do Sado e Algarve (DIOGO, 1987:183; ALVES *et al.* 1990:195 – Embora neste caso não lhe atribua a descrição de Almagro 51 a/b, a ânfora que descreve enquadra-se seguramente nesta tipologia, embora a chame Lusitana 7; e FABIÃO e ARRUDA, 1990:221).

Existe um número considerável destas ânforas encontrado em Portugal e Espanha e, assim como a Almagro 51 c, em Itália, Alemanha, Algéria e Líbia.

As Almagro 51 a/b do Martinhal: No caso das Almagro 51 a/b a variedade não é, a nível dos bordos, menor que no caso das Almagro 51 c. Poderá mesmo, ser ainda maior.

No que diz respeito às suas dimensões, a grande fragmentação dos materiais e a ausência de exemplares completos, dificultaram a tarefa de criar um conjunto de medidas padrão. Os diâmetros recolhidos variam entre os 6 cm e os 8 cm, apresentando dimensões inferiores às do tipo Almagro 51c. Quando à espessura repete-se a tendência verificada nas ânforas do tipo Almagro 51 c. Trata-se de ânforas pouco espessas, com cerca de 0,5 cm a 1 cm nas partes mais espessas.

Mais uma vez, seria impossível aqui referir todas as variações existentes na colecção estudada, no entanto, de forma geral, estas são as características mais comuns:

No que diz respeito aos bordos:

- A maioria dos bordos das Almagro 51 a/b do Martinhal apresentam uma moldura, que pode ser mais ou menos marcada e com concavidade mais ou menos pronunciada, tanto na superfície interna, como externa.

- Existem exemplares sem moldura (Estampa 5, n.º 21, Estampa 6, n.º 26 e 28).

- Todos os bordos são extrovertidos, ainda que alguns apenas o sejam ligeiramente (Estampa 5 e 6, todos os números).

- No que diz respeito aos lábios, mais uma vez, existe uma enorme variedade. O topo dos lábios pode ser biselado, amendoado, arredondado ou quase direito (Estampa 5 e 6).

- Existe quase sempre um espessamento da superfície interna do lábio (Estampa 5, n.º 21, 22, 23, 24 e 25, Estampa 6, n.º 26, 27 e 28).

No que diz respeito aos colos são unanimemente estreitos, variando apenas a mais clara ou menos clara demarcação com o início do corpo.

Quanto às asas, estas, são normalmente de perfil elíptico bastante irregular, ou algumas vezes de perfil quase triangular e assentam a meio da moldura do bordo (Estampa 5, n.º 22 e 24, Estampa 6, n.º 27) ou no fim da mesma (Estampa 5, n.º 20 e 24).

Os fundos apresentam, assim como os bordos, alguma variedade, embora talvez menor que as Almagro 51 c. O “ar de família” é no caso das Almagro 51 a/b bastante mais nítido:

- Os fundos são sempre altos e maciços (Estampa 6).

- São normalmente, cónicos, de base arredondada ou plana (Estampa 7, n.º 32, 33 e 34).

- Um dos exemplares (Estampa 6, n.º 30) apresenta uma clara demarcação com a base, que alarga a partir desse ponto formando uma espécie de trapézio.

- A demarcação com o corpo é sempre visível, sendo mais (Estampa 7, n.º 29 e 32) ou menos (Estampa 7, n.º 33 e 34) evidente.

Mais uma vez, no conjunto estudado, não se encontraram recipientes completos, pelo que não se obteve informação sobre o tamanho do recipiente, porém, assim como no que diz respeito aos recipientes Almagro 51 c, tanto a espessura das paredes como o diâmetro dos bordos, sugerem que se tratava de recipientes com

dimensões moderadas, pelo menos em comparação com os restantes centros produtores.

Origem	Diâmetro do Bordo em mm (média)	Altura em mm (média)	Espessura das paredes (média)
Martinhal	70	-	0.7
Carvalheiras (Braga). (MORAIS, 1998)	70	-	-
Abúl II (DIOGO e FARIA, 1990:176)	102	-	-

Fig.25. Tabela com dimensões, em média, da forma Almagro 51 a/b em vários centros produtores e sítios arqueológicos da Lusitânia.

Almagro 50 (Keay XXII) → Enquadram-se neste conjunto 14 fragmentos de bordos e fundos. Trata-se de uma ânfora de lábio extrovertido, espessado no exterior, mais ou menos acentuado, e de secção redonda ou triangular (semelhante à Almagro 51 c). Normalmente apresenta um colo bastante curto e estreito (VIEGAS, 2009:244). Tem duas asas assimétricas, espessas, de secção ovalada, circular ou subcircular que arrancam do topo do bordo e assentam, quase na vertical sobre a metade superior do corpo. Tem um corpo cilíndrico ou piriforme. O fundo é normalmente, curto, cónico e oco, rematado em botão ou glande (MORAIS, 1998:65; FABIÃO, 1997, VIEGAS, 2009:244). Apresenta normalmente uma altura que pode atingir de 95 a 100 cm, no entanto, os poucos exemplares do Martinhal parecem ter dimensões mais reduzidas.

Conteúdo:

Os preparados de peixe têm sido sugeridos como carga destas ânforas (MORAIS, 1997). Isto deve-se, entre outros factores, ao facto de terem sido encontrados vestígios destes preparados nestes contentores. Exemplo disso são naufrágios em que foram encontradas estas ânforas ainda seladas com espinhas de sardinhas de pequena dimensão (*Sardina Pilchardus*), como é o caso dos naufrágios de Port-Vendres I e Randello (Sicília, Itália) (MORAIS, 1997:65; ÉTIENNE, 1990, PARKER, 1989). Também há registo de estas ânforas terem transportado *garum*, elaborado através de bivalves como a *Penctuculus pilosus* ou *Glycimeris pilosa*, encontrado em ânforas do naufrágio Planier G (França) (*idem*).

Por outro lado é bastante comum a proximidade entre os fornos produtores desta ânfora e os centros industriais de preparados de peixe (FABIÃO e CARVALHO, 1990; ÉTIENNE, 1990) como, aliás, é o caso do Martinhal.

Cronologia:

Os dados apontam o início da produção das ânforas da tipologia Almagro 50 para finais do século II, ou inícios do III, segundo as escavações de Luni (MORAIS, 1998: 66; FABIÃO, 1990:53; MAYET, 1990:32) e também, segundo os resultados obtidos na área urbana de Setúbal, mais concretamente na Travessa dos Apóstolos, que fazem remontar a cronologia para os finais do século II (VIEGAS, 2009:244; SOARES e COELHO, 1986:95). Os dados da exploração arqueológica do Sado, apontam no entanto, para uma cronologia mais tardia, de meados do século III, o que leva Étienne e Mayet (2002), a defender que a produção bética seria mais antiga. Também nesta

cronologia se pode comprovar a existência deste tipo na Baía de Cádiz, mais concretamente entre os finais do século II e inícios do III (GARCÍA VARGAS, 1998, 122-124). A sua comercialização parece ter-se generalizado, no entanto, mais tarde, a partir dos sécs. III e IV, como exemplifica o naufrágio do Planier 7, do séc. IV (FABIÃO, s/d), ou o naufrágio de Port-Vendres I, datado dos finais do século IV (MORAIS, 1998:66; MAYET, 1990:32) ou mesmo a sua produção comprovada em Los Matagallares, na Costa Gaditana entre meados do II e IV séculos (BERNAL CASAOLA, 1998:257-259; VILLORA, 1999:84). Este tipo de ânforas aparecem ainda no século V, como comprova o exemplo do naufrágio de L'Anse Gerbal, datado do século V (KEAY, 1984; MAYET, 1990:32), mas em quantidades menores.

Origens e difusão:

Estes contentores foram, principalmente, difundidos por todo o Mediterrâneo Ocidental (PEACOCK e WILLIAMS, 1986:131; MORAIS, 1998:65). Tendo dois focos principais de origem, a Lusitânia e a Bética, a difusão destas ânforas fora do território ibérico está bem assinalada, tanto através de naufrágios como pelas escavações em vários locais do Império e na Península Ibérica como são o caso: Luni e Óstia, ou na Gália: Nimes e Toulon (MORAIS, 1998:65).

No território actualmente português, as ânforas lusitanas estão documentadas praticamente documentado em todo a sua área, com forte incidência nos estuários do Tejo e Sado e na Costa Algarvia. No entanto o seu peso no sítio do Martinhal é quase nulo. Muitas vezes, estas ânforas aparecem, no território português, associadas a centros de produção (FABIÃO, 1997:131). As produções béticas são também,

encontradas por todo o litoral, do Algarve ao Noroeste, e em algumas *uillae* do interior alentejano, como S. Cucufate (MORAIS, 1998:65). “(...) A presença deste tipo de contentores nos dois centros de preparação de pescado na Quinta do Marim e Ilha do Pessegueiro pressupõem uma complementaridade entre a produção de vasilhame em centros especializados na Bética e centros de transformação de pescado fora desta península.

As Almagro 50 do Martinhal: O número de exemplares de Almagro 50 presentes no Martinhal é surpreendentemente pequeno (13 exemplares), tendo em conta os números normalmente recolhidos em outros sítios arqueológicos do Tejo, Sado e mesmo do Algarve. Este facto levanta algumas discussões que serão tidas no capítulo das considerações finais.

No que diz respeito às suas dimensões, a grande fragmentação dos materiais e a ausência de exemplares completos, não permitiram que aqui se apresentasse mais do que os dados em relação aos bordos, cujos diâmetros variam entre os 10 cm e os 14 cm. Quanto à espessura das paredes destas ânforas, estas são, em relação aos dois tipos anteriores, mais sólidas, embora ligeiramente, já que raramente se verifica uma espessura inferior a 1 cm.

O facto de se tratar de um conjunto pouco representativo torna difícil uma caracterização segura, e impossível a criação de um modelo de Almagro 50 “tipo Martinhal”. A única excepção a esta realidade é o facto de as Almagro 50 do Martinhal, quando comparadas com sítios coevos no que diz respeito aos diâmetros dos bordos,

parecerem ser de dimensão consideravelmente menor, variando, nos seus valores mais elevados, entre os 10 e os 13 cm (Estampa 8, n.º 35 e 37).

Os bordos são:

- Extrovertidos de forma mais (Estampa 8, n.º 35) ou menos marcada (Estampa 8, n.º 37).

- Apresentam um perfil arredondado ou amendoado (Estampa 8, n.º 35 e 37).

As asas nascem no topo do bordo, fazendo um arco largo (Estampa 7, n.º 35) ou mais apertado (Estampa 8, n.º 37).

Os fundos são:

- Curtos, triangulares com glande (Estampa 8, n.º 39 e 40), cónicos, ocos e mais compridos, com ligeira glande (Estampa 8, n.º 36) ou cónicos, ocos e curtos sem glande (Estampa 8, n.º 38)

Seguindo a tendência dos dois conjuntos anteriores (Almagro 51 c e Almagro 51 a/b, a ausência de recipientes inteiros desta tipologia, faz com que seja arriscado propor medidas, mas mais uma vez, pela espessura das paredes e pelos diâmetros dos bordos, podemos concluir de que não se trataria de um recipiente de grandes dimensões, embora maior que os exemplares do conjunto de tipologia Almagro 51 c e Almagro 51 a/b, mas seguramente inferior em tamanho aos recipientes Almagro 50 dos centros produtores do Tejo e Sado, onde se recolheram ânforas desta tipologia de dimensões mais imponentes.

Origem	Diâmetro do Bordo em mm (média)	Altura em mm (média)	Espessura das paredes (média)
Martinhal	120	-	10
Zambujalinho (Herdade do Zambujal). (FERNANDES e CARVALHO, 1991:84)	125	-	-
Lisboal (MAYET e TAVARES SA SILVA, 2002:174)	150	860	-
Abul D (MAYET e TAVARES SA SILVA, 2002:176)			
Quinta do Lago – Loulé (ARRUDA e FABIÃO, 1990:203)	149	-	-
Vale da Cepa (Setúbal). (DIOGO, 1991)	158	-	-
Albufeira (Intervenção de emergência na R. Cândido dos Reis, feita pela autora deste trabalho – não publicado)	130	-	-
Povoado de Tróia (Setúbal). (DIOGO e PAIXÃO, 2001)	162	-	-

Fig.26. Tabela com dimensões, em média, da forma Almagro 50 em vários centros produtores, em vários locais e como apresentadas em algumas publicações.

Afim de Beltrán 65a/Keay XXV→ Enquadram-se nesta tipologia 5 fragmentos. Os fragmentos enquadráveis nesta tipologia foram causa de constantes dúvidas por parte da autora, que pegou na tipologia atribuída aos mesmos por Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho Soares e Virgílio Hipólito Correia (1990). Por um lado, porque os fragmentos eram poucos e, à exceção de um bordo completo com parte do corpo, eram também de pequenas dimensões (o conjunto que integra este estudo já conta

com 3 exemplares de bordos bem conservados, com asas ou parte delas). Por outro lado, fica-se na dúvida se esta não será apenas uma ânfora tardia de difícil classificação, não sendo seguro atribuir-lhe esta definição de afim da Beltrán 65 a. Posto isto, não nos resta mais do que descrever genericamente o que se conhece sobre a Beltrán 65a, seguindo os moldes que se usaram para as outras tipologias. As considerações possíveis e discussão sobre este conjunto, serão feitas no capítulo 6, que corresponde à discussão e considerações finais.

A forma Beltrán 65, pouco referida na bibliografia, é genericamente considerada uma ânfora de bordo extrovertido e colo cilíndrico e largo (ROSAS, 1996). Trata-se de um contentor, segundo Manacorda, enquadrável nos “contentores cilíndricos (*idem*).

Conteúdo:

Por vezes referida como recipiente de transporte de azeite, não se exclui a possibilidade de transportar peixe (KEAY, 1984:193 *in* ROSAS, 1996:1162). Assumindo que os exemplares do Martinhal são efectivamente esta forma, seria mais provável, dado o contexto, que estas ânforas transportassem preparados piscícolas.

Cronologia:

Sabemos que se trata de uma ânfora tardia e tem-se-lhe atribuído uma cronologia que vai do último quarto do séc. III ao V (KEAY, 1984:193 *in* ROSAS, 1996:1162).

Origem e difusão:

A hipótese encontrada na bibliografia (ROSAS, 1996:1162), sugere a Tunísia como provável origem desta produção, mas não exclui outras possibilidades.

As Afins de Beltrán 65a do Martinhal: Este grupo corresponde ao conjunto identificado como aff das Beltrán 65ª por Carlos Tavares da Silva e outros (1990). Não tendo sido encontrada nenhuma outra tipologia em que este conjunto se enquadrasse melhor, optou-se por manter esta atribuição. Por outro lado, o muito reduzido número de exemplares deste conjunto tornou impossível a criação de uma boa tipologia.

No que diz respeito às suas dimensões, o tipo de fragmentos que estudámos (só bordos), não permitiram que aqui se apresentasse mais do que os dados em relação aos bordos, cujos diâmetros variam entre 10 e 11 cm. A solidez das paredes, integra-se na tendência verificada para todos os outros tipos anfóricos produzidos no Martinhal, com uma espessura de, em média 0.7 a 1 cm nas zonas mais espessas.

Os bordos são sempre nitidamente extrovertidos, sendo o seu perfil que varia.

- Existem 3 variantes de bordo. Uma de perfil sub-triangular, de lábio ligeiramente descaído (Estampa 9, n.º 41); outra de perfil amendoado ou quase quadrado (Estampa 9, n.º 42) e uma terceira de perfil arredondado ou semi-triangular com um ressalto na superfície interna, como se de um encaixe de testo se tratasse (Estampa 9, n.º 43).

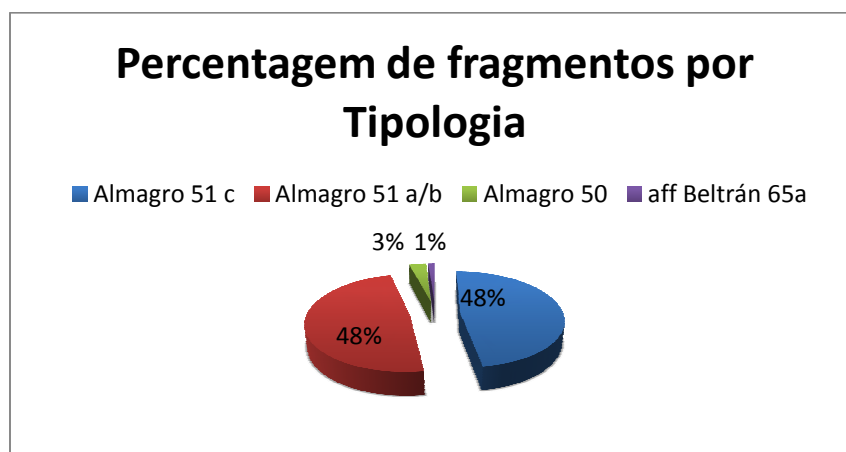


Fig.27. Gráfico representativo da percentagem de fragmentos por Tipologia.

5.2. Grafitos

Nenhum exemplar do conjunto estudado apresentou marcas de oleiro, no entanto, alguns deles, apresentaram grafitos, que se distinguiram em 6 grupos, sendo o primeiro o mais frequente. Porém, deve assinalar-se que todas estas marcas são pouco frequentes tendo em conta o número de exemplares do conjunto:

1. Linhas verticais, irregulares, em grupos de 2 ou 3 linhas, muitas vezes, quase verticais, outras inclinadas (Estampa 1, n.º 3; Estampa 5, n.ºs 20 e 24; Estampa 6, n.º 27, Estampa9, n.º 41);
2. Cruz ou X;
3. Marca vertical, com linha ou linhas horizontais para a direita (Estampa 9, n.º 43);
4. Marca vertical com linha para a esquerda (Estampa 2, n.º 9);
5. Linha em todo o redor do colo, normalmente irregular e muitas vezes descrevendo uma volta incompleta (Estampa 2, n.ºs 9 e 10);
6. Motivos vários, que podiam incluir-se em várias categorias, mas são únicos (Estampa 5, n.º 21)